

TEATRO E SOCIEDADE A PARTIR DE O PÃO E A PEDRA DA CIA DO LATÃO

Camilla Soletti Costa (PIC/UEM), Alexandre Villibor Flory (Orientador), e-mail:
ra108672@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/
Maringá, PR.

Letras/ Teoria Literária

Palavras-chave: teatro épico, arte e sociedade, Companhia do Latão.

Resumo:

A partir dos preceitos do teatro dialético, este projeto de Iniciação Científica teve como objetivo geral a análise da peça *O pão e a pedra*, relacionando a sua estrutura estética com o contexto histórico-social e seus efeitos na sociedade, compreendendo assim o poder transformador da arte. Em termos metodológicos, teve como referencial teórico as pesquisas de Anatol Rosenfeld, em especial o livro *O teatro épico*. Para o estudo da Companhia do Latão, foi levado em conta o livro *Introdução ao teatro dialético: experimentos da Companhia do Latão*, além de dissertações e teses sobre o grupo, já numerosas. A fim de estudar o contexto da produção teatral, usamos, entre outros, o texto de Reinaldo Cardenuto: *Dramaturgia de avaliação: o teatro político dos anos 1970*. A obra em questão da Companhia do Latão, foi escrita por Sérgio de Carvalho em processo colaborativo com o grupo, e tem como tema principal a greve do ABC paulista em 1979. A peça retrata a jornada dos trabalhadores responsáveis por essa luta, suas inseguranças, sua dificuldade em compreender a política do país, as desigualdades salariais entre homens e mulheres e o papel da igreja. O movimento, que mobilizou mais de setenta mil trabalhadores do maior complexo industrial da América Latina, possui grande relevância para o fim da ditadura. Nota-se, então, a importância de retratar essa revolução no contexto de lançamento da peça e nos dias de hoje.

Introdução

Nos anos 70, a arte e a sociedade sofrem grandes mudanças. No plano social, o AI-5, instaurado em 1968, durante o governo do general Costa e Silva, considerado um golpe dentro do golpe, levou o Brasil para o caos social. O povo, que se encontrava em precárias condições, indignado com as injustiças sociais da época, teve que se silenciar diante da violenta repressão que não só calava mas dizimava artistas e militantes. No plano artístico, em especial do teatro, nos anos que seguiram após 1968, os artistas passaram por uma drástica crise. Enquanto nos anos anteriores o teatro, influenciado pelos ideais socialistas, mostrava uma visão marxista como orientadora de uma intelectualidade que motivaria o povo, de forte poder revolucionário, a resolver as contradições presentes no Brasil, agora estão sob severa censura (CARDENUTO, 2012, p.312). Contemporaneamente, o teatro

engajado viveu uma nova onda de politização, especialmente a partir dos anos 1990, em um movimento do qual participaram vários grupos, entre eles a Companhia do Latão, dirigida pelo dramaturgo Sérgio de Carvalho. Alguns anos depois, em 2013, o Brasil se via novamente em uma crise social: manifestações tomaram conta do país e palavras como “Igualdade” e “Melhores condições” voltavam à rua. É neste contexto que a peça *O pão e a pedra* surge. A obra da Companhia do Latão, escrita por Sérgio de Carvalho, se passa no ano de 1979 e retrata o movimento que, em plena ditadura, mobilizou mais de 70 mil trabalhadores do ABC paulista, o maior centro industrial da América Latina. Fatigados pelas péssimas condições laborais, os trabalhadores rejeitam a proposta oferecida pelos empresários e reivindicam um aumento de 70%. O que, futuramente, se tornaria a maior conquista salarial já adquirida no Brasil.

Materiais e métodos

Esse projeto de Iniciação Científica teve como metodologia a análise qualitativa, de revisão bibliográfica, e de cunho descritivo. A peça *O pão e a pedra* foi analisada a partir de pressupostos dialéticos que mediam a forma e o contexto histórico-social. Desta forma, para a abordagem de elementos do teatro-épico, o projeto teve como referencial teórico a obra *O teatro épico* de Anatol Rosenfeld. Para analisar o contexto histórico e estético da obra foi utilizado o texto de Reinaldo Cardenuto: *Dramaturgia de avaliação: o teatro político dos anos 1970*. Por fim, as pesquisas de Sérgio de Carvalho e da Companhia do Latão, em especial *Introdução ao teatro dialético: experimentos da Companhia do Latão*, foram discutidas a fim de compreender seu contexto estético e histórico de produção.

Resultados e Discussão

A peça *O pão e a pedra* retrata o movimento grevista de 1979, que mobilizou mais de 70 mil trabalhadores e foi a origem da maior conquista salarial da história brasileira. É por esse motivo que a peça *O pão e a pedra* possui tamanha importância. Ela reflete problemáticas atuais de extrema relevância, coloca em jogo o papel opressor do capital, o fetichismo do tempo, que é roubado pelo mercado de trabalho, o papel da igreja nos movimentos sindicais e a desigualdade de gênero. Revela quem compõem uma greve e quem paga verdadeiramente seu preço. Até mesmo a própria militância de esquerda é colocada em questão. A peça, rica formalmente em termos de temática, se insere nos debates de 2016, durante o impeachment de Dilma, apesar de ter sido montada alguns anos antes. Ela exclui da cena os grandes empresários, evitando uma polarização entre heróis em vilões. Os protagonistas são os operários, que são obrigados a enfrentar suas contradições como grupo. Em um primeiro momento, estudamos o contexto estético e histórico da greve e do ano de lançamento da obra para, em seguida, abordarmos as temáticas discutidas na peça e como elas se formalizavam esteticamente. Temáticas como a desigualdade de gênero estão presentes tanto no espaço de trabalho quanto na luta, representado por várias personagens, como Joana Paixão, uma mãe que precisa se disfarçar de homem para conseguir um aumento salarial e sustentar seu filho; Irene, uma operária, grávida, que precisa esconder sua situação para não ser demitida; Mirian, que não tem permissão do pai de participar do movimento grevista. As contradições dialéticas, muito bem formalizadas pela Companhia, colocam em cena

as contradições da própria militância de esquerda que, logicamente, poderia ser vista como “heroína” da peça. Este movimento é representado, principalmente, por Luísa, uma militante que se “disfarça” de operária para chamar mais trabalhadores para o movimento grevista. Ela se humaniza ao longo da peça, compreendendo mais a fundo a situação dos trabalhadores e aprendendo a alcançá-los. Seu namorado, Pedro, também é cheio de contradições. Apesar de fazer parte do movimento de esquerda, demonstra ser machista e possuir uma visão idealizada da greve, já que não compreende humanamente os trabalhadores, “quer pregar para convertido”, como acusa sua namorada. A participação da igreja é um dos temas motivadores da pesquisa do Latão sobre a greve (principalmente por divergir tão drasticamente do que ocorria nos anos de produção da peça). Ele é representado pelo personagem do Padre Carlinhos, que participa ativamente da greve, defende o movimento comunista quando questionado sobre sua moralidade, permite que a igreja seja local de reuniões, arrecadação de alimento e mesmo da transmissão de um filme italiano. Quando questionado sobre a decência do filme tem uma fala de grande poder dramático, ao dizer que a arte é transgressora. Quase em oposição a sua figura temos o personagem de Fúria-Santa, um ávido religioso com concepções problemáticas sobre o comunismo, mas que não deixa seus preconceitos o afastarem do movimento grevista. O Latão não polariza a peça, não idealiza nenhum dos lados. Mesmo Mariano, o supervisor que, inicialmente, se apresenta contrário ao movimento grevista se desconstrói durante a peça. Esteticamente, ela é enriquecida por diversos fenômenos: o primeiro é o que se pode chamar de metamorfoses. Em um espaço que desumaniza a mão de obra, os personagens precisam assumir disfarces, e despirem-se deles para compreender o que a autora chama de “vir a ser” do capital. E assim, convidam o público a questionar suas próprias máscaras. Também é colocado em questão o “fetiche do tempo” que é roubado pelo capital. Isso fica evidente em diversos momentos da peça, de forma mais clara quando, por exemplo, Fúria Santa rouba o relógio da fábrica, e mais subjetiva como no fato de quase nenhuma cena se passar no chão de fábrica em horários de trabalho. A maioria das cenas ocorre durante as pausas, os horários de almoço, as reuniões sindicais, as festas, estas pequenas frestas onde os operários encontram espaço para existir.

Conclusões

O Brasil vive um momento de acirradas tensões políticas. Ideologias fascistas que ganhavam sua força durante as manifestações em 2016 e o impeachment da presidente Dilma assumiram toda sua plenitude nas eleições de 2018 e revelaram de forma drástica os preconceitos da sociedade brasileira. A arte e seu poder transformador, revolucionário, assumem novamente uma posição de urgência, em um espaço arriscado de se produzir. Novamente, o cenário é de opressão. A situação é muito próxima dos anos 70 e a necessidade de lutar e lembrar do poder da união trabalhista é novamente essencial. Na peça, evidenciam-se as contradições do grupo que precisa de fato ocupar o papel principal na luta, assumir suas problemáticas e questioná-las. São eles e os espectadores que precisam entrar em cena, não somente ao fazer parte dos questionamentos da peça, mas também em 2016, durante a greve e hoje, em tempos de eleição.

Agradecimentos

Ao Programa de Iniciação Científica da UEM.
A Alexandre Villibor Flory, pela orientação.

Referências

CARDENUTO, R. **Dramaturgia de avaliação**: o teatro político dos anos 1970. Estudos Avançados, 2012.

CARVALHO, S de. **Introdução ao Teatro Dialético**: Experimentos da Companhia do Latão. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. **O pão e a pedra**. São Paulo: Editora Temporal, 2019.

ROSENFELD, A. **O teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 1985.